

## COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA A AMÉRICA LATINA

### CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PASTORAIS DA ASSEMBLEIA PLENÁRIA

Cidade do Vaticano, 6-9 de março de 2018

#### **“A mulher, pilar na edificação da Igreja e da sociedade na América Latina”**

1. Antes de tudo, não se tem a pretensão de propor as “conclusões” desta Assembleia Plenária, porque seria tarefa muito árdua tentar recapitular sinteticamente toda a riqueza das conferências, das intervenções nos painéis e dos diálogos ocorridos nestes dias. Trataremos de recolher e publicar a maior parte possível de tudo isso na página web da Comissão Pontifícia para a América Latina ([www.americalatina.va](http://www.americalatina.va)).

A presença deste seleto grupo de personalidades femininas latino-americanas, junto com os Prelados membros e conselheiros da CAL, foi fundamental para o ótimo desenvolvimento da Assembleia. As mulheres que participaram nela deram testemunhos, experiências e reflexões de grandíssimo valor para os trabalhos empreendidos, como demonstração de qualidade, intensidade e profundidade. Viveu-se um clima de muita comunhão e liberdade no diálogo durante estes dias.

Todos os participantes nesta “Plenária” agradecem de todo o coração ao Santo Padre por ter escolhido este tema, tão presente em seu magistério pastoral e esperam de Sua Santidade novas luzes e orientações.

2. Nossos tempos estão marcados profundamente por uma renovada autoconsciência da mulher sobre a sua dignidade, liberdade e direitos, sobre sua participação em todos os âmbitos da convivência, sobre suas reivindicações e anseios. Expressa-se também como crítica, muitas vezes radical, da carga secular de injustiças, discriminações e sofrimentos que se descarregou sobre elas. Poderia-se afirmar que, sobretudo desde o simbólico “68”, estes últimos 50 anos presenciaram uma “mudança de época” em que as mulheres se situaram como protagonistas públicas. A questão da mulher irrompeu como uma das mais profundas transformações sociais e culturais, chegando a ser de envergadura civilizadora. As relações entre os sexos, as diversas formas de convivência social,

todas as instituições – desde o matrimônio e a família, passando pelas instituições políticas e religiosas – foram interpeladas, questionadas, desafiadas. Estamos diante de um dos grandes “sinais dos tempos”. Não existem receitas fáceis para afrontá-los: os estereótipos sobre a mulher caem, as raízes machistas mostram toda sua fragilidade, existem muitas buscas abertas, as paixões desordenadas levam às vezes ao maniqueísmo, aumentam muitos poderes e ideologias que querem se servir da mulher em novas formas instrumentais.

3. As reflexões e diálogos tidos na Assembleia Plenária não podem ser considerados isoladamente, senão dentro do árduo caminho empreendido pela Igreja nas últimas décadas. A “Mensagem às mulheres” do Concílio Ecumênico Vaticano II já mostrava a consciência da Igreja a respeito desta nova emergência, que abria uma nova fase histórico-cultural. Seria muito interessante recapitular sinteticamente como foi evoluindo esta consciência, num caminho sinodal que teve como marcos importantes a Carta Apostólica *“Octogessima Adveniens”* do Beato Paulo VI e as mensagens dos papas Paulo VI e São João Paulo II em torno aos debates provocados pelas sucessivas Conferências Mundiais sobre a Mulher promovidas pelas Nações Unidas. Depois houve muitas intervenções a respeito durante o pontificado de São João Paulo II: a Carta Apostólica *“Mulieres Dignitatem”* e a carta especialmente dirigida a todas as “queridas mulheres” do mundo inteiro, as encíclicas *“Redemptoris Mater e Evangelium Vitae”* e suas exortações apostólicas *“Familiales Consortio e Christifideles laici”*, para não citarem mais que alguns dos mais importantes documentos que acompanharam os tempos pós-conciliares. Ao preparar esta Assembleia Plenária, a CAL recolheu todas as alocações e documentos nos quais Papa Francisco se detém expressamente na temática da mulher na sociedade e na Igreja, e é motivo de admiração que se trate de uma preocupação pastoral sempre muito presente em seu magistério. Para Papa Francisco, a “força social e eclesial das mulheres” tem que ser reconhecida, acompanhada, sustentada, incentivada e inclusive potenciada para que produza todos os seus incalculáveis benefícios.

4. A América Latina se tornou cada vez mais integrada na “cultura global”, que, em grande medida, é a mundialização da cultura ocidental como cultura dominante, hegemônica, com um capilar poder de assimilação, homologação, uniformização (não somente “pensamentos únicos”, mas uniformidade prática

a todos os níveis da vida). Quebrados todos os estereótipos sobre a mulher, foi possível ir impondo uma figura “moderna” e “pós-moderna” da mulher como totalmente contraposta àquela da mulher “tradicional”, considerada segundo uma contraposição maniqueia, como escrava desde os tempos das “cavernas”. Contudo, a realidade social e o enraizamento do próprio “*ethos*” cultural impõem todavia a consideração de especificidades latino-americanas. Por uma parte, não se podem aplicar mecanicamente as imagens, modernos estereótipos e reivindicações das mulheres de setores médios e altos, ilustrados, das sociedades da abundância com mulheres que vivem nos setores populares de sociedades empobrecidas, em vias de desenvolvimento, como se estas tivessem que seguir necessariamente o caminho já percorrido por aquelas. Por outra parte, os manuais de história dos países latino-americanos, e inclusive os de história eclesiástica, deixam invisíveis as mulheres, como se tratasse de exclusivos protagonismos e feitos masculinos. Tem-se que contar a história dos povos latino-americanos a partir da visão das mulheres, com especial consideração das distintas gerações e personalidades femininas que refletiram e marcaram grandes fases de transformação cultural na América Latina.

5. É evidente que na América Latina predomina ainda bem radicado um difundido “machismo” em diversos âmbitos sociais e institucionais. Sua expressão mais dramática é a violência que se exerce sobre as mulheres, e que tem múltiplas faces. Existem os rostos das mulheres que sofrem violência verbal, física, psicológica e sexual no ambiente doméstico, mais nas famílias de composição irregular que naquelas que contam com estabilidade civil e sacramental eclesial. Existem os rostos de adolescentes que, em altas porcentagens, ficam grávidas. Existem os rostos de jovens que, inclusive atualmente, se veem obrigadas a aceitar matrimônios “combinados” pelas respectivas famílias. Existem os rostos das mulheres que sofrem toda sorte de violência psicológica e física por parte de seus parceiros, que com frequência chega ao feminicídio. Existem situações, inclusive, de feminicídios seriais. Existem os rostos das mulheres consideradas somente como objetos de consumo sexual esporádico e irresponsável, explorados e divulgados também pelos meios de comunicação e de publicidade. Existem os rostos das mulheres que são vítimas e escravas da prostituição. Existem os rostos das mulheres que são objetos do “tráfico”.

6. Os altos índices de pobreza e indigência, de marginalização e exclusão, nos povos latino-americanos veem sobretudo as mulheres como as mais sofridas. São também as que estão muito mais presentes nos chamados trabalhos “informais”, que em grande parte beiram com a mendicância. Compõem a maior parte da população ativa desempregada. Trabalham nos campos de sol a sol, muitas vezes em condições de verdadeira escravidão. Para piorar, são inumeráveis as mulheres abandonadas com sua prole, que sozinhas têm que cuidá-la e mantê-la. Entre elas estão as mulheres que ficam separadas de maridos e filhos migrantes por estados de necessidade. E nem sequer sobre o trabalho doméstico, sobre o cuidado da prole, o afeto educativo da primeira infância, essa missão imensa de gratuidade, com muito sacrifício, é valorizado pelo corpo social, senão frequentemente desprezado. Todas estas são igualmente formas de violência que se aninham nas sociedades desordenadas, desequilibradas, injustas, muito mais graves ainda que as também graves discriminações que sofrem as mulheres que acedem a âmbitos laborativos “formais”, somente por serem mulheres e tantas vezes por serem mães.

7. A desintegração da família na América Latina – basta pensar que na grande maioria dos nossos países são de 60 a 80 % os filhos nascidos fora de matrimônios estáveis – faz com que abundem as famílias monoparentais, nas quais se sobrecarregam grandes responsabilidades na vida das mulheres e multiplicam os terríveis custos humanos de crianças abandonadas, de multidões que crescem desde sua infância com descompensações afetivas e graves dificuldades de escolarização e socialização, vítimas fáceis de vícios e dependências, que são frequentemente capturados pelas redes do narcotráfico, as quadrilhas e outras formas de delinquência e violência. A reconstrução do tecido familiar se mostra como capital indispensável para a regeneração da convivência humana e social.

8. São sinais de esperança o acesso cada vez mais universal das mulheres aos níveis básicos de ensino escolástico, assim como sua presença maior à masculina nos níveis universitários. A educação acompanha a chamada “promoção feminina”. Hoje abundam por toda parte as mulheres nas mais distintas profissões e responsabilidades de trabalho. Também são cada vez mais

numerosas na vida política – basta pensar em mulheres que estão ocupando cargos públicos de muita relevância – mesmo que sua presença seja minoritária, todavia em partidos e outras instituições políticas não apenas ocupadas muito majoritariamente por homens, mas muito marcadas por uma mentalidade machista. Toca às mulheres serem construtoras de humanização ali onde avançam os desertos criados pelos ídolos do poder e da riqueza.

9. Não foi uma casualidade que o documento de conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, junto com um capítulo referido à “promoção da mulher”, tenha incluído a novidade de outro capítulo referido aos “homens”, ao seu difundido machismo, à sua frequente irresponsabilidade como homens, à sua ausência como maridos e como pais de família, à sua incapacidade para aceitar os questionamentos e reconsiderações que a tomada de consciência da dignidade e liberdade das mulheres lhes estão exigindo.

10. Seria ingenuidade, distração ou cumplicidade não ter também muito presente, sobretudo a partir da realidade latino-americana, que esta renovada autoconsciência da mulher está também sendo utilizada pelos grandes poderes neomalthusianos que, ao invés de incluir a todos no banquete da vida pretendem reduzir a todo custo aos comensais. Servem-se de excepcionais situações-limite para desatar campanhas em prol da liberalização do aborto. Ainda não se proclama o aborto como “direito” da mulher, porque todavia está muito enraizado no “*ethos*” cultural dos povos latino-americanos o sentido da sacralidade da vida. A mulher emancipada das sociedades da abundância, que considera a contracepção como liberdade fundamental, banalizada, dissocia amor, sexualidade e geração. Permanece uma sociedade pan-sexualizada, uma libertinagem de massas, que se descarrega sobretudo contra a mulher. O corpo da mulher se reduz a objeto destinado a alimentar por meio da publicidade os instintos possessivos e consumistas de “animais” de mercado. Abundam também as violências contra as mulheres e aparece uma sociedade estéril, sem filhos, que provoca a ânsia materna desordenada a todo custo, a ser resolvida pela ciência e o mercado. É tão liberada e realizada a imagem da mulher que transmitem e difundem as sociedades do consumo e do espetáculo? Será este o futuro do nosso presente latino-americano? Tampouco tem que deixar de se perguntar quantas mulheres tem se afastado silenciosamente da Igreja, entre

outras coisas carregando uma consciência culpabilizada pela prática cada vez mais difundida da contracepção.

11. As imagens e mensagens transmitidas como persuasão oculta pelos meios massivos de comunicação – basta pensar no impacto das “tele-novelas” na realidade latino-americana – vão minando o matrimônio e a família consideradas “tradicionais” e superadas “*de facto*” pelas rupturas de todo o vínculo e as “combinações” de todo tipo. Pretendem minar a maternidade mostrada como prisão que reduz as possibilidades de bem-estar e progresso da mulher. Inclusive são muitas as mulheres bem pobres da América Latina que são aproveitadas para esta indigna e horrível forma de exploração que é o “aluguel de seus úteros” e a compra de seus filhos naturais. Seríamos também muito ingênuos se não levássemos em conta os “lobbies” femininos locais que atuam como comparsas de instâncias internacionais, bem financiados e orquestrados.

12. Também a Igreja católica permanece interpelada, questionada e desafiada diante desta “mudança de época” e “sinal dos tempos”. E, de modo especial, a Igreja latino-americana que, por estar encarnada em culturas “machistas” e pecar de clericalismo, tem que enfrentar uma profunda revisão de vida com liberdade e coragem. Esse clericalismo machista penetra por todos os poros, mais além das boas intenções e das retóricas eclesiais. Não se vive mais de rendas residuais de cristandades em processos de decomposição! Estão deteriorando e destruindo valores comuns que foram alimentados pelo nosso substrato cristão, mesmo que resista o que foi plantado pela evangelização, a sabedoria popular e seu sentido comum entre os povos latino-americanos. Leve-se em conta também que a presença maciça, a credibilidade muito difundida e o influxo relevante que tem a Igreja católica nos povos latino-americanos é, para os grandes poderes mundiais, como uma anomalia que tem que ir minando, desagregando, cancelando. Tudo isto tem que ser considerado na “conversão pastoral” que pede Papa Francisco e o episcopado latino-americano em Aparecida.

13. A radicalidade das questões que se tem que afrontar tem que levar a muitos repensamentos teológicos e antropológicos profundos. Não à toa, Papa

Francisco repete sempre que tem que aprofundar com urgência numa “teologia da mulher”. Por isso é necessário considerá-la a partir de uma perspectiva trinitária e eclesial. Nessa perspectiva tentou-se retomar a imagem de Deus na pessoa humana – homem e mulher – como “*imago Trinitatis*”, explorando o arquétipo da diferença sexual em Deus mesmo e nos três modos de amar da Trindade, que se expressam nas processões das três Pessoas consubstanciais porém distintas e correlativas: o Amor paternal, o Amor filial e o Amor nupcial. Dali a especial proximidade da mulher com o Espírito Santo dentro do mistério da Aliança como realidade nupcial. Tem um enorme trabalho de reflexão teológica que precisa ser continuado sistematicamente, já encaminhado pelas contribuições extraordinárias do Magistério e de alguns teólogos e teólogas para, por sua vez, ir traduzindo-o pastoralmente, politicamente e pelas vias mediáticas.

14. Não faltou nesta Assembleia uma consideração especial sobre o testemunho de Jesus diante das mulheres de seu tempo. O Filho de Deus soube viver uma suprema liberdade a respeito de todos os preconceitos e discriminações que sofria a mulher na sua tradição e na convivência hebraicas. O seguiram tantas mulheres no seu peregrinar por terras da Judeia, Galileia, Samaria, anunciou-lhes o Reino e as curou, estabeleceu um diálogo com elas como com a samaritana, teve vínculos de amizade com Marta e Maria, mostrou sua misericórdia, superior à lei, como com a adúltera e com Madalena, perdoada porque muito amou. Essa mesma liberdade o levou a escolher doze homens como seus apóstolos. Porém, Deus quis nascer de mulher, elevada como ninguém à mais alta dignidade, a nova Eva a cuja maternidade confiou todo o gênero humano; contou com numerosas discípulas que o seguiram, elas não o abandonaram como os homens ao pé da Cruz, foram elas as primeiras testemunhas da sua ressurreição e as encontramos por toda a parte nas primeiras comunidades cristãs como discípulas-missionárias, tal como nos indicam as cartas paulinas (o próprio apóstolo Paulo, mesmo que reconheça que já não existe lugar à contraposição entre homem e mulher pois todos somos “um em Cristo”, às vezes se mostra condicionado por preconceitos e estereótipos de seu tempo).

15. A América Latina é um continente mariano. Desde o evento fundacional das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe – a Imaculada que doa seu Filho – inculturando o Evangelho nos novos povos mestiços e batizados -, a Virgem Maria esteve muito presente na história, cultura e vida dos povos latino-americanos. “É a presença indispensável e decisiva na gestação de um povo de filhos e irmãos, de discípulos e missionários de seu Filho” (Aparecida, n. 524). Mulher livre e forte, obediente à vontade de Deus e toda orientada ao seguimento de seu Filho, mulher da escuta que pondera tudo em seu coração, mulher da entrega, da gratuidade até o sacrifício, comprometida com a realidade de seu povo – como mostra o canto do “*Magnificat*” – e capaz de ter uma voz profética diante dela, mostra a dimensão feminina e materna da Igreja e é alma e ternura na convivência familiar e social. Com a “nova Eva”, a dignidade da mulher alcança dimensões nunca imaginadas.

16. Se o Verbo encarnado revela ao homem seu mistério, sua vocação, condição e destino, pois a inteligência da fé tem de ser luz potente que coloque em movimento todos os recursos da razão para ir aprofundando mais na renovada antropologia que inclua o ser homem e o ser mulher, em sua comum humanidade, de igual dignidade, distinguindo ao mesmo tempo o que constitui sua alteridade e recíproca complementaridade. Existem autores que falam dessa “unidade dual” do humano. É necessário ir sempre mais a fundo não somente sobre a identidade feminina, mas também sobre a identidade masculina para poder servir melhor ao ser humano em seu conjunto. O que antecede nos parecia evidente, hoje não o é mais, sobretudo se se tem presente o bombardeio de imagens e mensagens que nos penetram por todos os poros mediante a “revolução das comunicações”. De uma parte, o “*coming out*” da homossexualidade, incluída sua exaltação e proposta, assim como a difusão da “ideologia de gênero” por meios potentes, e por outra parte, a mais intensa aceleração de inovações científicas e tecnológicas, especialmente no campo da “*bios*”, não permitem respostas fáceis. Requer-se o rigor da filosofia para avançar na fundação de um novo humanismo, que seja base verdadeira e fecunda de gestação de uma humanidade nova e sempre renovada. E tem que saber ir traduzindo, seja como hipótese educativa, seja para a difusão a níveis culturais, seja para suas traduções mediáticas, mas sobretudo na construção de sociedades mais humanas, mais dignas da pessoa humana, mais inclusivas de

todas as potencialidades que homens e mulheres, em diálogo solidário, podem oferecer. “Do dito ao fato existe um grande trecho”. E que trecho! Não há que ter medo a diálogos a 360 graus, mais além das retóricas insuficientes e das charlatanices.

17. Tudo isso tem muitas implicações profundas, exigências e consequências para a missão da Igreja, para seu pastoreio no meio desta “mudança de época”. Quando Papa Francisco exalta a “força eclesial das mulheres”, em primeiro lugar não faz mais do que destacar um fato evidente: as mulheres foram e continuam sendo decisivas na “*traditio*” da fé nos povos latino-americanos. Quando foram apagando os ardores e ímpetos missionários da primeira evangelização, quando foi assentando o substrato católico na cultura barroca dos novos povos mestiços, quanto durante a emancipação ficaram desmanteladas por décadas as estruturas pastorais e catequéticas, e quando por isso também durante décadas povos, comunidade e aldeias ficaram sem a presença de sacerdotes ou religiosos/religiosas, foram as mulheres e mães as que fizeram possível o milagre da “*traditio*” da fé católica. O fizeram ensinando aos filhos as mais simples orações da tradição cristã e os gestos também transmitidos pela religiosidade popular. E isso, enquanto os homens ficaram tão ausentes que, quando se restabeleceram os templos e paróquias, foi sempre muito frequente que os homens acompanhassem as mulheres à Igreja, às vezes se juntassem nas filas atrás dos templos como que escondidos, outros ficassem no átrio ou iam ao bar para esperá-las. Graças a Deus, isto já não é tanto assim, porém continua sendo certo que as mulheres constituem a grande maioria do santo povo fiel de Deus na América Latina, que elas continuam sendo a grande maioria das catequistas paroquiais, que elas exercem a maioria dos ministérios não ordenados, que delas depende a limpeza dos templos, o gosto de dar glória a Deus inclusive nos detalhes e até no funcionamento de seus escritórios.

18. Uma palavra especial tem que se dedicar às religiosas, que estão presentes em tudo, cumprindo serviços fundamentais, acolhidas sempre com muito carinho e confiança pelos povos latino-americanos. Inclusive fora dos confins visíveis da Igreja, as religiosas sempre encontram portas e corações abertos. Estão sempre próximas das pessoas e famílias, vivem a proximidade da caridade, estão como antenas que lhes permitem captar e compartilhar sofrimentos e

necessidades, são a avançada da Igreja nas periferias humanas, sociais e existenciais e realizam como protagonistas discretas as mais diversas obras de misericórdia, testemunhando com coerência cotidiana e amor preferencial pelos pobres e o zelo dos feridos no corpo e na alma. Se tem dito bem que a solidariedade tem nome de mulher, que assim como cuida de sua casa, o faz com sua comunidade e também quer fazer com a casa comum, em prol de uma ecologia natural e humana de convivência.

19. Não obstante tudo isso, há muito que se percorrer na Igreja da América Latina para reconhecer, apreciar e usufruir, no melhor sentido do termo, da potencialidade feminina, já em ato por todo lugar. Existem ainda clérigos machistas, mandões, que pretendem usar as mulheres como serviçais dentro de sua paróquia, apenas como clientela submissa dos cultos e mão-de-obra bruta para o que se necessita. Tudo isto tem que ir acabando. Agora os Pastores têm que considerar as mulheres como guardiãs fundamentais do precioso patrimônio da fé da Igreja da América Latina, como seu rosto de esperança, como seu tesouro de caridade. As mulheres hão de ser sujeitos e destinatárias de uma prioridade de cuidado pastoral. Isto significa, como repete frequentemente Papa Francisco, uma adequada formação a respeito nos Seminários e Noviciados – como o indica la nova “*Ratio*” -, um saber tomar o tempo necessário para escutá-las, para apreciar seus pontos de vista e perspectivas como motivo de enriquecimento para o discernimento e a ação, dialogar com elas com seriedade, considerá-las corresponsáveis da comunhão e missão. E também incentivar que assumam cada vez mais maiores responsabilidades ao serviço da vida da Igreja, ainda que a sua presença não se reduza ao número de mulheres que ocupem lugares de importância. O “*empowerment*” das mulheres não se traduz em uma lógica de poder mundano, como a modo de “carreira eclesial”, senão no poder do Espírito Santo que as anima. No entanto, isto não tem que ser motivo para reduzir-se a colocar limites minimalistas à participação das mulheres no exercício de responsabilidades e na tomada de decisões no seio nas comunidades cristãs em todos os níveis. “Sem as mulheres a Igreja do continente perderia a força de renascer continuamente. São as mulheres quem, com meticulosa paciência, acendem e reacendem a chama da fé, disse o Papa em Bogotá aos Bispos latino-americanos. “É um sério

dever compreender, respeitar, valorizar, promover a força eclesial e social de quanto realizam”.

## ALGUMAS RECOMENDAÇÕES PASTORAIS

I. A Igreja católica, seguindo o exemplo de Jesus, tem que estar muito livre dos preconceitos, estereótipos e discriminações sofridos pelas mulheres. **As comunidades cristãs hão de realizar uma séria revisão de vida em prol de uma “conversão pastoral”, que saiba pedir perdão por todas as situações em que foram e são cúmplices de atentados à sua dignidade.** A abertura às mulheres deve proceder de nossa visão de fé e conversão, que veja com esperança o futuro **a partir do evangelho de Jesus, que demonstrou liberdade, respeito e** extraordinária capacidade para reacender a chama do amor e da entrega pessoal em tantas mulheres que Ele encontrou em sua vida pública.

II. Tenham também as Igrejas locais a liberdade e a valentia evangélicas de **denunciar todas as formas de discriminação e opressão, de violência e exploração que sofrem as mulheres em diversas situações e de incluir o tema de sua dignificação, participação e contribuição na luta pela justiça e fraternidade, que é dimensão essencial da evangelização.** “Nesta hora da América Latina e do Caribe – assinalaram os Bispos latino-americanos reunidos em Aparecida – urge escutar o clamor, tantas vezes silenciado, de mulheres que são submetidas a muitas formas de exclusão e violência em todas as suas formas e em todas as etapas de suas vidas. Entre elas, as mulheres pobres, indígenas e afro-americanas têm sofrido uma dupla marginalização. Urge que todas as mulheres possam participar plenamente da vida eclesial, familiar, cultural, social e econômica, criando espaços e estruturas que favoreçam uma maior inclusão” (454).

III. É fundamental na pastoral da Igreja repensar caminhos adequados para a **educação afetiva e sexual de homens e mulheres, assim como para uma preparação mais integral ao sacramento do matrimônio,** acompanhando e sustentando a matrimônios que vivam a dignidade, verdade e beleza de um

amor fiel, indissolúvel e generosamente fecundo, tal como ensina a Exortação Apostólica “*Amoris Laetitia*”, e a famílias que sejam lugar dos afetos mais profundos, comunhão de amor e de vida, igreja doméstica e de iniciação cristã, onde resplandeçam as dimensões de paternidade e maternidade, de nupcialidade, de filiação e fraternidade, que são dimensões do amor de Deus. O matrimônio e a família constituem as experiências fundamentais para viver a comum dignidade de homem e mulher, sua diversidade, reciprocidade e complementaridade, para crescerem ambos em corresponsabilidade, tanto no lar como nas modalidades mais adequadas de “combinar” a vida e os trabalhos familiares com as responsabilidades extra-domésticas.

**IV. Não falem palavras de apreço e alento às mães que na América Latina estão na gestação generosa de filhos, famílias e povos. Muitas vezes o fazem como autênticas “mártires”, que dão a vida pelos seus e pelos demais.** As mães – disse Papa Francisco – “são o antídoto mais forte contra a difusão do individualismo egoísta (...), testemunham a beleza da vida (...), sabem testemunhar inclusive nos piores momentos, a ternura, a dedicação, a força moral (...) e frequentemente transmitem também o sentido mais profundo da prática religiosa” (7.1.2015). “A maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica – adverte o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, n. 457 -, senão que se expressa de diversas maneiras”. Nação vem de “*natio*”, que invoca maternidade. Também a Igreja é mãe, como Maria. **A América Latina tem necessidade dessa revolução da ternura e da compaixão, assim como da construção de uma cultura do encontro, que tenha nas mulheres suas melhores protagonistas.**

**V. Sejam cuidadas de forma especial as “*mutuas relaciones*” entre os Pastores e as mulheres de vida consagrada.** Elas dão um testemunho notável da presença de Deus no meio dos povos latino-americanos, em especial dos mais jovens, dos pobres, enfermos e desamparados, abrindo caminhos ao Evangelho na vida concreta da gente. Hão de ser reconhecidas e valorizadas como corresponsáveis da comunhão e missão da Igreja, presentes em todas as instâncias pastorais de reflexão e decisão pastorais. Os Pastores tenham também muito presentes as comunidades religiosas contemplativas, confiando à sua oração as intenções das

Igrejas locais e da Igreja universal. Por outro lado, a Bíblia nos faça recordar das viúvas para sua companhia na caridade e seu serviço nas comunidades.

**VI.** Como o destacou o documento de conclusões de Aparecida, é muito importante **se repensar na Igreja uma educação dos varões “para favorecer o anúncio e reflexão em torno da vocação que o homem está chamado a viver no matrimônio, na família, na Igreja e na sociedade” (n. 463).** Tem que ir superando suas raízes e resistências machistas, sua frequente ausência paterna e familiar, sua irresponsabilidade enquanto à conduta sexual. Inclusive ainda mais: se requer **“desenvolver nas universidades católicas, à luz da antropologia e moral cristãs, a investigação e reflexão necessárias que permitam conhecer a situação atual do mundo dos varões, as consequências do impacto dos atuais modelos culturais na sua identidade e missão, e pistas que possam colaborar no desenho de orientações pastorais a respeito” (Aparecida, 263d).** A “era do feminismo” pode ser ótima ocasião “libertadora” para o varão, compartilhando a vontade de gerar uma agenda que reivindique o pleno respeito à dignidade da mulher, uma paternidade comprometida, afetiva e implicada na criação dos filhos, junto à mãe, e um mútuo sustento quando se dá o trabalho extra-doméstico de ambos.

**VII. As comunidades cristãs e seus Pastores estejam vigilantes diante das formas de “colonização cultural e ideológica”** que, sob pretexto de novos “direitos individuais” e inclusive instrumentalizando reivindicações feministas, são difundidas por grandes poderes e “lobbies” muito organizados, para atentar contra a verdade do matrimônio e da família, ir sufocando o “ethos” cultural de nossos povos, favorecendo a desagregação do tecido familiar e social das nações. Quem acabam pagando os piores custos de tal operação são as mulheres, inclusive as mães e seus filhos. **A este propósito, é importante promover um diálogo atento e contínuo entre os pastores e os políticos, em continuidade com todo o recomendado anteriormente.**

**VII. Seja cuidada com esmero a formação integral dos futuros sacerdotes, tal como indica a “Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis”.** Nessa perspectiva, “um sinal de desenvolvimento harmônico da personalidade dos

**seminaristas é a suficiente maturidade para relacionar-se com homens e mulheres, de diversa idade e condição social (...)** O conhecimento e a familiaridade com a realidade feminina, tão presente nas paróquias e em muitos contextos eclesiais, resulta conveniente e essencial para a formação humana e espiritual do seminarista”, assim como para sua futura ação pastoral a serviço do povo de Deus, capaz de relacionar-se com as mulheres com serena maturidade, de dialogar com elas e aprender delas, de reconhecer e integrar toda a riqueza do “gênio” feminino e de seus carismas (cfr. N. 95). **Para alcançar este resultado, é preciso favorecer a participação de mulheres de vida matrimonial ou de vida consagrada nos processos de formação, mais ainda, nas equipes de formadores, dando-lhes autoridade para ensinar e acompanhar os seminaristas, assim como a oportunidade para intervir sobre o discernimento vocacional e o desenvolvimento equilibrado dos candidatos ao sacerdócio ministerial.**

**IX. À luz da orientação do Papa Francisco sobre a “sinodalidade” em todos os níveis na Igreja, em base ao dom do Espírito Santo a cada batizado e à “co-essencialidade” entre dons hierárquicos e dons carismáticos, é possível e urgente multiplicar e ampliar os lugares e as oportunidades de colaboração das mulheres nas estruturas pastorais das comunidades paroquiais, diocesanas, em níveis das Conferências episcopais e na Cúria Romana.** Uma tal abertura não é uma concessão à pressão cultural e mediática, mas o resultado de uma tomada de consciência de que a ausência das mulheres das instâncias de decisão é um defeito, uma lacuna eclesiológica, o efeito negativo de uma concepção clerical e machista. Se não se põe remédio a curto prazo, muitas mulheres disponíveis para servir se sentirão deixadas de lado em desprezo de suas capacidades e se afastarão eventualmente da Igreja.

**X. Obviamente esta abertura necessária e urgente supõe uma inversão na formação cristã, teológica e profissional das mulheres, leigas e religiosas, de maneira que possam trabalhar ao lado de seus colegas homens com toda normalidade e equilíbrio,** e isto não apenas porque são mulheres e porque devemos projetar uma imagem posta ao dia respeito às regras culturais da época. Os Pastores incentivem e apoiem os estudos bíblicos e teológicos de mulheres para o enriquecimento da edificação das comunidades cristãs.

**XI. Sejam convidadas as instituições católicas de ensino superior, e em particular as Faculdades de Teologia e Filosofia, a continuar aprofundando uma teologia da mulher, à luz da tradição e do magistério da Igreja, das renovadas reflexões teológicas sobre a Trindade e a Igreja, do desenvolvimento das ciências e, em especial, da antropologia, assim como das atuais sensibilidades culturais dos movimentos e anseios das mulheres.**

**XII. A devoção mariana, tão enraizada e difundida na América Latina, manifestação de inculturação do Evangelho e de amor dos povos, ajude a considerar Maria como paradigma da “mulher nova”, contemplando-a como exemplo extraordinário de uma feminidade plena, digna de ser protegida e promovida, tanto por sua importância na gestação de uma convivência social mais humana como pela formação dos discípulos-missionários de seu Filho.**

**XIII. Seja promovido em todas as Igrejas locais e por meio das Conferências Episcopais um diálogo franco e aberto entre Pastores e Mulheres que se desempenham em diversos níveis de responsabilidade (desde dirigentes políticas, empresarias e sindicais, até líderes de movimentos sociais e comunidades indígenas).**

**XIV. A mudança de época que estamos vivendo e que requer da parte da Igreja um relançamento de seu dinamismo missionário – “Evangelii Gaudium” – exige uma mudança de mentalidade e um processo de transformação análogo ao que Papa Francisco conseguiu concretizar com as Assembleias do Sínodo sobre a família – cujo fruto foi a Exortação Apostólica “Amoris Laetitia” – e agora com a próxima Assembleia sinodal sobre os jovens. Esta Pontifícia Comissão para a América Latina não pretende projetar suas próprias perspectivas e necessidades para a Igreja universal, porém coloca seriamente a questão de um Sínodo da Igreja universal sobre o tema da Mulher na vida e na missão da Igreja.**